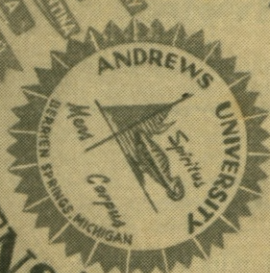




Janeiro e Fevereiro de 1961

CURSO DE
EXTENSÃO

- BRASIL
- URUGUAY
- CHILE
- PARAGUAY
- ECUADOR
- ARGENTINA
- BOLIVIA
- PERU



I.A.E. "ANDREWS UNIVERSITY"
SÃO PAULO
BRASIL

Ministério *Adventista*

Novembro-Dezembro de 1961



DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Enoch de Oliveira

Templos Obscuros

ERA um aprazível domingo quando cheguei àquela cidade. Visitava-a pela primeira vez. Suas tradições históricas, suas ruínas famosas, seus monumentos arqueológicos e suas vetustas igrejas, constituem uma fascinação permanente para o sedento espírito de um forasteiro.

O dia seria mui curto para um tão extenso programa de visitas. E, por isso, sem detenções, iniciei uma exaustiva peregrinação, seguindo um roteiro cheio de atrações e surpresas. Andei por suas ruas estreitas e sinuosas. Contemplei o estilo barroco de suas edificações, símbolo de uma era de esplendor e fastígio. Visitei os seus velhos e legendários templos, regorgitantes de fiéis. E, após haver percorrido diferentes e variados recantos históricos, regressava ao hotel, pensando naquela multidão de desventurados adoradores que, em densas brumas espirituais, persegnavam-se num culto inspirado no medo, superstição e idolatria.

Multidões sem luz! Massas humanas sem Cristo! Sem embargo, a semelhança de um lume embaciado e pálido, brilhava naquela imperial cidade a luz da mensagem do advento.

À noite dirigi-me ao Templo Adventista, animado pelo desejo de receber as bênçãos de um inspirado programa de evangelismo. Mas, oh! assombro; oh! decepção. Suas portas estavam cerradas e, através de suas janelas, não vi o brilho de suas luzes.

Naquela noite a Bíblia sôbre o púlpito permaneceu cerrada. A voz do pregador não foi ouvida. Os pecadores angustiados e aflitos não foram convidados ao altar.

Aquela igreja obscura representa a ausência de entusiasmo evangelizador. É o sím-

bolo de uma religião apática, acomodada e tranqüila, indiferente à sorte das multidões que sucumbem sem Cristo e sem esperanças.

Um templo apagado numa noite de tantas oportunidades para o evangelismo, lembra a experiência ocorrida na vida de Pascoal, o negligente guarda ferroviário, responsável pela segurança do tráfego numa perigosa e movimentada encruzilhada.

Rápidos e pesados comboios, com regular freqüência, por ali passavam, interrompendo por instantes o contínuo movimento de veículos que cruzavam o leito daquela ferrovia. Impunha-se a presença constante de um guarda para disciplinar o trânsito e, deste modo, evitar ocorrências lamentáveis e acidentes fatais.

Pascoal trabalhava durante a noite. Sua responsabilidade consistia em agitar uma lanterna vermelha tôda a vez que o trem se aproximava da encruzilhada.

Certa noite um automóvel repleto de passageiros, no momento em que cruzava a ferrovia, foi violentamente atingido por uma gigantesca locomotiva. O impacto foi ensurdecedor. Seguiram-se gritos de desespero e dor rompendo o silêncio da noite. Ao serem examinadas as proporções do desastre, encontraram três passageiros sem vida, e um outro em deplorável estado, inspirando cuidados especiais.

Abriu-se um inquérito, e Pascoal que estava de serviço naquela noite trágica foi intimado a comparecer ante o tribunal.

— Moveu o senhor a lanterna advertindo os automóveis da aproximação de um trem? interrogou o juiz sumariante.

— Sim, senhor, contestou Pascoal sob juramento. Movi a lanterna para um e para

(Continua na pág. 6)



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela

Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Luiz Waldvogel
Redator — Arnaldo B. Cristianini

Colaborador especial:
J. J. Aitken

Brasil

Assinatura Anual Cr\$ 300,00
Número Avulso Cr\$ 50,00

Estrangeiro

Assinatura Anual US\$ 2,00
Número Avulso US\$ 0,35



ANO 26

NO. 6

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Templos Obscuros Enoch de Oliveira 2

ILUSTRAÇÕES

Presente Maravilhoso 3
A Resposta de Livingstone 3

SEGUNDO CURSO DE EXTENSAO PARA A AMERICA DO SUL

Aspectos do Curso de Extensão .. S. Kumpel 4
Em Busca de Mais Saber Para Melhor Servir Antônio J. Cabrera 7
Psicologia e Orientação Pastoral Werner Vyhmeister B. 8
Impressões de Uma Classe José Maria de Almeida 10
Um Professor Vibrante Aracely S. Mello 11
Impressões do Curso (Depoimentos) 12 e 13

EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS

O Maior Batismo da História do Brasil Roberto R. Azevedo 14

OS ASD RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA 18

MISCELANEA Arnaldo B. Cristianini 21

NOTICIAS DA IMPRENSA 24



Ilustrações

Presente Maravilhoso

LEMBRO-ME de ter lido alhures a respeito de um estranho presente de Natal recebido por uma jovem. Esperava ela receber algo valioso. Anelava muito por uma jóia que tinha razões para crer lhe seria dada por uma amiga muitíssimo prezada, mulher encantadora, cujo lar hospitaleiro esta jovem muitas vezes fruía, e onde fora tratada com tôda a distinção. Em chegando o Natal, e abrindo a jovem o presente da amiga, verificou tratar-se simplesmente de uma chave ordinária, atada a um pedaço de fita, na qual havia um cartão. De início, ficou tão desapontada que nem sequer se animou a ler a legenda do cartão; ao fazê-lo depois, eis o que lá se achava: "Esta é a chave da porta da casa de uma amiga. É para você. Use-a todos os dias, se o desejar." O amoroso significado do presente então comoveu plenamente a jovem; aquêlê lar carinhoso com o quarto de hóspede onde várias vezes repousara em paz e recebera o conforto — aquêlê lar lhe era franqueado tôda a vez que quisesse, bastando usar a chave!

Belíssimo símbolo! Permitir que o Grande Hóspede entre em nosso coração, mas apenas uma vez por ano não é o bastante. Demos-Lhe a chave, a chave da lealdade e do amor! Deixemo-Lo entrar — deixemo-Lo permanecer. "Entrarei em sua casa, e com êle cearei, e êle comigo," disse Jesus. Permitamos que o bendito Salvador entre em nossa vida, e o espírito do Natal em nós habite para sempre. — *More Illustrations and Quotable Poems* — A. Bernard Webber.

A Resposta de Livingstone

QUANDO o grande missionário David Livingstone tentava explicar a filosofia do plano de Deus para a salvação dos africanos, êstes, ouvindo pela primeira vez a história, lhe disseram:

— Mestre, como podia um só homem morrer por tôda a raça humana?

Eis a explicação dada por Livingstone. Introduziu a mão no bôlso e retirou duas moedas, um penny comum de cobre e uma pequena mas reluzente libra de ouro. Explicou que no país donde vinha, a moedinha de ouro que não era tão grande como o penny e não pesava tanto quanto êle, valia na verdade 240 pennies de cobre. A diferença de valor resultava da diferença intrínseca e inerente do próprio metal. Dessa forma explicava que o santo, perfeito e amado Filho de Deus valia o mundo inteiro de pecadores culpados, perdidos e condenados. Nossa esperança para a eternidade é esta — exclusivamente esta. Meus pecados mereciam a morte eterna, mas Jesus tomou meu lugar, como o de todos os que O recebem. — *Illustrations for Preachers and Speakers* — Keith L. Brooks.

SEGUNDO CURSO DE EXTENSÃO

PARA A AMÉRICA DO SUL

Aspectos do Curso de Extensão

S. Kämpel

Diretor do Dept^o. de Teologia do IAE



FOI nos idos de 1949 que coube à Divisão Sul-Americana receber de braços abertos o primeiro Curso de Extensão do Seminário Adventista de Washington, representado nas pessoas de três ilustres professores: Dr. Frank H. Yost e pastores Roy Allan Anderson e LeRoy Edwin Froom. Nesta ocasião o curso constituído de aproximadamente 80 estudantes, foi agasalhado pelo nosso Colégio no Uruguai e passou à história como a "Universidade de Canelones". A História do Sábado e do Domingo, ministrada pelo catedrático Dr. Yost, Liderança Evangelística muito bem dirigida pelo Pastor R. A. Anderson e História da Interpretação Profética ensinada magistralmente pelo Dr. L. E. Froom, deixaram tantas saudades que, quando correu pelos pampas e cordilheiras de nosso continente a notícia de que haveria novo Curso de Extensão Universitária, o problema foi: Onde abrigar o imenso número de interessados daqueles que teriam a dita de assisti-lo? Se da primeira feita o pequeno mas grande Uruguai nos acolheu, desta feita escolheu-se o maior dos países de nossa Divisão em extensão territorial, para abrigar 145 obreiros que se irmanariam neste exercício mental de oito semanas.

A história nos relata, pois, que: No Instituto Adventista de Ensino, ex-Colégio Adventista Brasileiro, em Santo Amaro, São Paulo, nos meses de janeiro e fevereiro de 1960, se realizou o Segundo Curso de Extensão Universitária, da Universidade Andrews, para a América do Sul. As cinco

Unões que compõem a nossa Divisão estiveram representadas por estudantes oriundos de 8 países diversos. As aulas foram ministradas em duas línguas: O português e o espanhol, em salas diferentes, mas as capelas e mesas redondas foram em conjunto, embora uma semana fôsse na língua de Cervantes e a outra na de Camões.

Os mestres enviados desta feita foram: Diretor do Curso e professor de Conselho Pastoral, o Pastor Charles E. Wittschiede; professor de Liderança Evangelística, o Pastor Roy A. Anderson; o professor de Orientação Profética no Movimento do Advento, Pastor Arthur L. White. O primeiro, com vasta experiência de ensino na América, na Ásia, e até em campo de concentração, e atualmente há anos professor na Universidade Andrews, logo cativou o coração de todos irradiando simpatia transbordante que fez com que fôsse escolhido como paraninfo para a festa de entrega de Certificados, no fim do curso. Suas aulas repassadas de situações sérias e hilariantes, com perguntas formuladas pelos alunos que demonstravam imenso interesse pelo assunto, bem meditadas umas e dispensáveis outras, foram da primeira à última utilíssimas por tratarem assunto novo para muitos, mas necessário e útil para todos. Saudades muitas nos deixou o ilustre catedrático de Berrien Springs.

A pessoa de Roy Allan Anderson já era nossa conhecida. Sua cultura geral, sua imensa prática e experiência em Evangelismo, sua sempre renovada energia, seu interesse pessoal pelo desenvolvimento de todo evangelista promissor, fizeram de suas aulas momentos de grande concentração intelectual e espiritual, que todos apreciaram. Não foi em

vão que o representante peruano, na festa de confraternização, o comparou ao Condor dos Andes. Esta segunda visita de R. A. Anderson será ainda mais lembrada que a de 1949, não só pelos seus milhares de ouvintes do Pacaembu e da Igreja Central de São Paulo, mas por todos os seus alunos que das salas de aula saíram para aplicar os seus ensinamentos.

A figura calma e respeitada do pastor Arthur L. White se impôs, aula após aula, pelo conhecimento profundo que tem de sua especialidade, neto que é de nossa mais profícua escritora, e secretário há anos do Departamento de Publicações Ellen G. White.

O Curso de Extensão Universitária, porém, não era só constituído destes três professores ilustres. Também esteve presente um antigo ADECEANO, como vice-diretor, conselheiro, anfitrião, e amigo, cedido pela Divisão na pessoa do pastor Enoch de Oliveira, Secretário da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana. Alto e esguio, delgado e delicado, soube contornar as situações, enfrentar realidades, e sair ainda mais amigo do que quando chegou, tanto de gregos como de troianos. A simpatia semeada em 1949 pelo seu antecessor, Pastor Walter Schubert, foi com imenso encanto disseminada em 1961, por esta "oliveira" bem brasileira.

Quando da Primeira Reunião do Corpo Docente, o Prof. Wittschiede disse, referindo-se à secretária, que a Divisão enviara uma jóia para auxiliar nestes dois meses. Com efeito, valiosa foi a contribuição da senhorita Margarita Deak, que trabalha há anos no Departamento Ministerial da Divisão e que já fôra também a secretária e caixa do Curso celebrado no Uruguai em 1949.

Os tradutores foram professores ou pastores de grande experiência, a saber: Os pastores Jerônimo Granero Garcia e Emmanuel Zorub para o português; e os Professores Werner Vyhmeister e Leslie Rhys para o espanhol. Todos cooperaram assídua e pontualmente em tarefa cansativa mas compensadora em satisfação pessoal, certos de um dever bem cumprido. A êles a Universidade Andrews deve uma carta de louvor e agradecimento.

Ao iniciar o curso de suas atividades, a primeira capela foi ocupada pelo Sr. secretário da Divisão, o pastor L. H. Olson, que

falou de um modo agradável, apresentando um discurso bem elaborado, recebendo, por isso mesmo, cumprimentos do diretor do Curso. Quando, após 8 semanas de intensa atividade, tanto por parte dos professores como dos estudantes, o curso chegou ao seu fim, sendo que o irmão presidente da Divisão estava ocupado na Patagônia, tivemos novamente a visita do pastor L. H. Olson, que proferiu algumas palavras de apreciação, augurando dias de grande atividade e profícuo labor da parte de todos os participantes.

Que diremos do curso em si? Valeu a pena? Se é verdade que as cinco Uniões ficaram desfalcadas de um grande número de obreiros, em muitos casos, de seus melhores obreiros, também é certo que as iniciativas futuras serão empreendidas com mais entusiasmo, mais saber, mais sabedoria, e creio também com mais espiritualidade e consagração. As aulas se iniciavam às 8:00 horas e iam até 12:30, diariamente. Às segundas e quintas-feiras à tarde, das 15:00 às 16:45 horas, havia Mesa Redonda. Uma comissão, sob a presidência do pastor Enoch de Oliveira, cuidava das atividades religiosas. Uma outra cuidava das atividades sociais. A biblioteca do IAE, embora modesta em comparação com similares nos USA, foi o centro de muitas pesquisas e investigações. Os exames do fim de janeiro causaram muita agonia e perda de sono. Já os exames do fim de fevereiro encontraram uma turma mais acomodada e calma. Na capela foram, em cinco reuniões, às têrças-feiras de noite, apresentados "slides" e manuscritos da vida e pena da senhora E. G. White. Às quartas-feiras de noite sempre houve reuniões de conagração espiritual muito bem dirigidas. Vários pastores foram convidados como oradores especiais para falar aos 145 estudantes inscritos. Os presidentes das Uniões Austral e Sul-Brasileira nos falaram de modo muito inspirador. Também o Dr. Fernando Chaij, em trânsito para a "Pacific Press", apresentou três palestras muito úteis sobre o hipnotismo.

Depois de semanas de convívio leal e amigo, atravessando o Mar Vermelho (primeira prova) e transposto o Rio Jordão em pleno período de enchente e inundação (última prova), chegou o dia feliz da entrega dos diplomas. Orações e Cânticos. Discursos e Agradecimentos. Ninguém foi esquecido. Um excelente número de estudantes termi-

nou o curso com Honra ao Mérito, "A" em tôdas as matérias. A grande maioria teve "as", "bes" e "ces", alguns um fortuito "d". Mas todos participaram da formatura, embora uma meia dúzia de certificados desse crédito apenas por freqüência às aulas. Como se cantou bem e se discursou melhor no grande dia! Os pastôres Amaro Peverini e Francisco N. Siqueira, representando respectivamente as seções espanhola e portuguesa, agradeceram aos ilustres professores, os seus esforços, sacrifícios e interesse revelados. A capela do IAE ficou lotada com pessoas de pé. As palavras do discurso do paraninfo ficaram gravadas na memória de todos, não só por terem sido proferidas com muita elegância, mas sobretudo por virem de quem, embora falasse ainda em inglês, já conversava em espanhol e se defendia em português, e do qual se sabia que falava de coração.

Acreditamos que nenhum dos participantes do Curso porá uma placa em frente à casa, intitulando-se Psiquiatra consumado, mas muitos, se não todos, serão melhores con-

selheiros pastorais, mais eficientes pastôres de seus rebanhos, maridos mais compreensivos, mais úteis aos semelhantes, enfim. Creemos que, embora haja mais séries de conferências, ninguém se apresentará como professor, a não ser que seja professor de alguma coisa mais do que de uma classe da escola sabatina, mas munidos do poder do alto, inspirados pelo exemplo do Pacaembu, mais almas sejam ganhas não somente para as listas de membros de igreja, mas sobretudo para o reino de Deus. Estamos certos de que, embora todos já tenham lido bom número de livros do Espírito de Profecia, de agora em diante haverá mais compreensão do tempo em que a irmã White viveu e também do tempo em que nós vivemos. Que Deus abençoe abundantemente a todos os que participaram dêste conclave do saber, e que A. L. White, R. A. Anderson venham em breve para uma terceira visita ao Sul, e que C. E. Wittschiede saiba que todos nós dizemos: Bem Te Vi; nas aulas inspirador, nas conversas amigo, no Brasil saudoso de Berrien Springs; e ainda: Queremos rever-te e a teus dois companheiros no Reino de Deus.

Templos Obscuros

(Continuação da pág. 2)

outro lado, mas indiferentes à minha advertência, não se detiveram e foram trágicamente colhidos pelo trem.

Após o interrogatório o chefe dos guardas ferroviários felicitava o seu subordinado pelo equilíbrio e correção demonstrados, dizendo-lhe:

— Temi que ficasse nervoso e dissesse algo comprometedor.

— Estava realmente mui nervoso, replicou Pascoal. Temi que o juiz me interpelasse sobre se a lanterna estava acesa.

— Sim, o relapso guarda havia agitado a lanterna, mas — que desidia! — a lanterna estava apagada.

Quantas igrejas apagaram as lâmpadas do evangelismo! Promovem, é certo, algumas campanhas consagradas no calendário denominacional. Conduzem um culto regular, revestido de formas rotineiras, algumas vezes sem inspiração. Agitam a lanterna, mas esta não tem azeite, nem brilho — apagou-se melancolicamente o entusiasmo pela obra em favor dos perdidos.

Diante daquele quadro sombrio — um templo obscuro numa aprazível noite de domingo — descobri, em minhas reflexões, o significado profundo contido na sentença bíblica: "Não havendo visão o povo perece". Com efeito, a ausência de visão evangelística tem sido responsável pelos limitados triunfos verificados em extensas áreas. Multidões estão perecendo em circunstâncias desalentadoras, porque nos falta a visão necessária para um incansável evangelismo "em tempo e fora de tempo".

Cumprindo extensos e exaustivos itinerários hei visto, com imensa alegria, quão consagradores não são os resultados nos lugares onde se faz ouvir, nos domingos à noite, a voz do pregador adventista, estuante de vibração e fé.

Transformemos, pois, os nossos templos e capelas em frutíferos centros de evangelização, capazes de atrair os incrédulos e indiferentes, e guiá-los ao "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo".

Portas abertas, luzes acesas, uma mensagem de fé em nossas igrejas, nos domingos à noite, eis o segredo de um ministério dinâmico, fecundo e realizador.

Em Busca de Mais Saber Para Melhor Servir

Antônio J. Cabrera

Secretário Departamental da Associação Bonaerense



A MEDIDA que transcorrem os dias e os anos, na mente humana vão-se acumulando recordações. Algumas delas só se gravam na "superfície" e passado certo tempo, desaparecem de nosso "arquivo", ao passo que outras penetram profundamente chegando a formar parte de nossa existência e ao trazê-las à memória fazem-nos reviver os gozos e as alegrias do passado. Neste último caso encontra-se o Curso de Extensão da Universidade Andrews, celebrado no Instituto Adventista de Ensino, durante os meses de janeiro e fevereiro de 1961.

Compareceram à mencionada instituição de ensino 140 obreiros provenientes de todos os países que compõem a Divisão Sul-Americana, acompanhados do pastor Enoch de Oliveira, diretor da Associação Ministerial da Divisão, a senhorita Margarida Deak, secretária da Associação Ministerial e três professores dos Estados Unidos, a saber: O pastor C. E. Wittschiebe, professor da Universidade Andrews e diretor do Curso de Extensão, o pastor R. A. Anderson, diretor da Associação Ministerial da Associação Geral e o pastor A. L. White, Secretário da Comissão de Depositários dos Escritores da irmã Ellen G. White. Além de contarmos com os leais e eficientes tradutores.

Alguns de nós, esquecidos das campanhas, horários das aulas e horas de estudos, volvíamos a lembrar os dias de colégio e logo fazíamos nossas as palavras do sábio Salomão: "Para fazeres atento à sabedoria o teu ouvido, e para inclinares o teu coração ao entendimento." A todos nos animava o desejo de aprender para ser melhores obreiros na causa de Deus. Havia iniciado o Curso de Extensão e nossa sede de conhecimento se manifestava nas muitas perguntas aos professores, que às vezes foram amigos e sábios conselheiros.

Bem rápido chegaram os últimos dias do curso com suas diversas atividades espirituais e a entrega dos certificados. Nessa oportunidade o pastor C. E. Wittschiebe dissertou sobre o texto de Jeremias 45:5: "E procuras tu grandezas? Não as busques..." Sempre nos lembraremos com carinho suas palavras cheias de profundo significado. Foram momentos de emoção misturados com nostalgia em face do momento da separação de um grupo de obreiros de diversas nacionalidades que souberam conviver irmanados sob a bandeira da cruz.

Ficou conosco a lembrança indelével de um pastor Wittschiebe, de sorriso cativante, abundantes conselhos e ensinamentos que nos fizeram compreender melhor o comportamento humano. Recordamos do pastor Anderson com sua técnica e ampla experiência em levar os pecadores aos pés de Cristo por meio do evangelismo público. Lembraremos de um pastor White, que com seu profundo conhecimento do Espírito de Profecia fêz-nos ver com clareza como Deus esteve guiando Sua igreja através dos múltiplos conselhos de Sua serva. Recordaremos os esforçados tradutores e também a eficiência da senhora Deak.

Queremos, num gesto de gratidão e reconhecimento, pôr em evidência o espírito fraternal, acolhedor e simpático do corpo de obreiros brasileiros e irmãos daquele grande país. Não esqueceremos os esforços feitos pelo pessoal do colégio por conceder-nos as melhores acomodações, nem tampouco às esforçadas e sempre alegres irmãs do "Refeitório" pela abundância de alimentos saudáveis servidos durante nossa estada.

Deixamos para o final nosso sincero agradecimento à Associação Geral por ter enviado tão dignos professores, à Divisão Sul-Americana pelos esforços e apoio financeiro que tornaram possível este curso às uniões e campos locais por sua colaboração e envio

(Continua na pág. 9)

Psicologia e Orientação Pastoral

Werner Vyhmeister B.

Professor de Bíblia do Colégio Adventista do Prata



APREENSÃO e curiosidade estavam expressas em quase todos os rostos da classe de alunos da Língua castelhana ao começar a primeira aula do pastor Charles E. Wittschiebe. Era 3 de janeiro de 1961. Das três matérias que estudaríamos, *Psicologia e Orientação Pastoral*, indubitavelmente, era a menos conhecida. (Tratava-se, na realidade, de dois cursos fundidos: *Psicologia Pastoral e Orientação Pastoral*.)

Com sua habitual cordialidade e bom humor, o Prof. Wittschiebe começou a apresentar na primeira aula os objetivos do curso. Profusamente ilustrada com fatos de sua própria experiência como orientador-conselheiro, esta aula se tornou muitíssimo interessante — assim como tôdas as demais.

Durante as aulas fomos informados que até há poucos anos, alguns de nossos irmãos consideravam que o adventista não necessitava estudar Psicologia. Não escreveu a irmã White contra isto? É interessante, contudo, notar que a irmã White também disse: "Deus pode moldar a mente que Ele criou, sem o poder do homem, porém Ele honra os homens pedindo-lhes que cooperem com Ele nesta grande obra."¹ Por conseguinte, para trabalhar com a mente é necessário conhecer suas leis. E disto se ocupa a moderna Psicologia.

Lembrou-nos, além disso, que E. G. White escreveu faz uns oitenta anos: "Enfermidades mentais prevalecem por tôda parte. Nove décimos das doenças de que sofrem os homens, têm aí sua base."² "Grande parte das enfermidades que afligem à humanidade têm sua origem na mente e podem ser curadas somente pela restauração da saúde mental."³ (Grifo nosso.)

Isto torna ainda mais imperativo o estudo da Psicologia. Esta ciência não é inimiga perigosa, mas sim uma colaboradora eficaz. E, falando de Psicologia e Orientação Pastoral de modo específico, o professor indicou-nos um parágrafo em *Obreiros Evangélicos*,

pág. 184, que daquele instante em diante adquiriu um novo significado para nós. "Há necessidade de pastôres que, sob a direção do Sumo Pastor, busquem os perdidos e extraviados. Isto significa suportar o desconforto físico e sacrificar a comodidade. Importa numa terna solicitude pelos que erram, numa divina compaixão e paciência. Quer dizer *um ouvido capaz de escutar com simpatia narrações que partem o coração, acêrcia de erros, degradações, desespero e miséria.*" (Grifo nosso).

As dúvidas que porventura hajam na mente de alguns se dissiparam completamente. A seguir — como êle mesmo o confessou — o pastor Wittschiebe teve uma das aulas mais entusiastas e aproveitáveis de sua experiência como professor. Sabíamos que parte de nosso dever como missionários, era o de ser "médicos da alma", dever e privilégio que todos estávamos ansiosos de poder atender na melhor forma possível.

À medida que transcorriam as oito semanas do curso, estudamos acêrcia das relações que existem entre o inconsciente, a consciência e o super-eu (super-ego). Palavras tais como: empatia, repressão, agressão, racionalização, projeção, introversão e outras, tornaram-se mais familiares. Como ocorre acontecer com freqüência aos estudantes de medicina, ao estudar as características de certas enfermidades mentais, não pudemos deixar de descobrir (com ou sem razão) que tínhamos muitas delas. Assim, por exemplo, os que lemos, de Karen Horney, *A Personalidade Neurótica de Nosso Tempo*, chegamos à conclusão de que, alguns mais outros menos, todos padecemos de neurose.

O fato é que — como muitos se expressaram — um dos grandes benefícios do curso foi o de ajudar a conhecer-nos a nós mesmos.

Aprendemos, além disso, como tratar os doentes em nossas visitas a hospitais, etc. Talvez o que mais nos surpreendeu a êste respeito, foi que não devemos ir e procurar dizer só palavras animadoras. É necessário

ajudar o enfêrmo a expressar seus sofrimentos, seus temores e até sua angústia (em face de uma próxima intervenção cirúrgica, por exemplo). É preciso fazer-lhe notar que também outras pessoas corajosas sentiram-se temerosas em ocasiões semelhantes. Isto produzirá o alívio que um: "Não se preocupe, Deus o vai cuidar" jamais poderia conseguir. E depois que o enfêrmo puder expressar seus temores, será mais fácil pedir a ajuda de Deus para êle.

Estudamos também como atender os enlutados. Aqui, como no caso anterior, precisamos aprender mais a ouvir do que falar. E isto em geral se aplica a todos os aspectos do trabalho de conselheiro pastoral. Quantas vêzes falamos e falamos, crendo que nossa tarefa consiste em dar palavras de consôlo ou repetir conselhos, quando a maior necessidade do que sofre é de uma pessoa que *saiba* ouvi-lo!

Que fazer com os que têm problemas conjugais, ou quando há problemas entre pais e filhos, ou com os que têm dificuldades para adaptar-se no meio social em que vivem? Da mesma forma, devemos saber ouvir a exposição de seus problemas. Devemos ajudá-los a *descobrir por si mesmos* a solução. E, num sentido geral, devemos lembrar que um problema que vem se desenvolvendo durante 2, 5, ou mais anos, não pode ser solucionado em 15 minutos. Três, oito e quinze entrevistas de uma hora inteira talvez, sejam necessárias para que o problema seja finalmente entendido e a solução proferida.

O pastor tem diante de si um campo quase inexplorado com vastas possibilidades. Porém, deve lembrar em cada momento que tem também outras funções. Oito a doze horas por semana é o máximo que nos foi

recomendado empregar nestas tarefas de orientação. E outra recomendação sábia que nos foi repetida várias vêzes é: "Lembrem-se que *um* curso e a leitura de *quatro* livros não tornam ninguém especialista." O pastor não é um psicólogo ou um orientador. É, sim, um "médico das almas" que pode empregar com vantagem tudo o que aprender neste sentido.

Talvez muitos já tenham aplicado alguns dêstes princípios sem perceber. Isso é como *tocar de ouvido*, dizia o pastor Wittschiebe. Porém há muito mais possibilidades de acertar e progredir quando conhecemos as *notas*.

Não sômente nossos membros da igreja podem ser ajudados. É verdade sim, que especialmente a êles dedicaremos nossos esforços. Contudo, há não adventistas que de bom grado buscarão o pastor adventista se ouvem que êle sabe ajudar a resolver os problemas. E, como tem acontecido freqüentemente, estas pessoas poderão chegar a ser membros de nossa igreja, inspirados pela compreensão encontrada no pastor.

Na penúltima aula do curso, o professor deu a oportunidade para expressarmos o que pensávamos quanto ao curso. Entre as expressões que se destacaram estavam as seguintes:

1. Tem-me ajudado a conhecer-me um pouco melhor;
2. Tem-me ajudado a ser mais tolerante com o próximo;
3. Fêz-me notar a necessidade de aprender a ouvir;
4. Permitiu-me compreender que hoje é tanto ou mais necessário que antes o amor expresso pelo Mestre ao paralítico de Betesda ou a Maria Madalena.

1 *Medical Ministry*, pág. 188.
2 *Test. Sel.*, Vol. 1, pág. 179.
3 *Testimonies*, Vol. 3, pág. 184.

Em Busca de Mais Saber Para . . .

(Continuação da pág. 7)

dos obreiros, ao entusiasta pastor Enoch de Oliveira por seus eficientes planos e trabalhos que fizeram de tudo um verdadeiro êxito.

Louvado seja Deus por ter-nos dado a

oportunidade de gozar aquêles dias de estudo, e agora, como o sábio queremos dizer: "O temor do Senhor é a instrução da sabedoria, e diante da honra vai a humildade." Com humildade em nosso coração anelamos ensinar "o temor do Senhor" e fazer de 1961 o ano do apogeu no ganho de almas.

Impressões de Uma Classe

José Maria de Almeida
Evangelista da Missão Nordeste

PRIVILÉGIO sem conta é ter a direta guia de Deus na terminação da obra do Evangelho! Esta certeza, tão peculiar e tão cara aos "que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus", foi grandemente revigorada no espírito daqueles que participaram da classe de "Orientação Profética no Movimento do Advento", oferecida no ensejo do Curso de Extensão do Sefninário da Universidade Andrews, ministrado nos meses de janeiro e fevereiro, no Instituto Adventista de Ensino (São Paulo).

Espírito erudito na disciplina, mas de uma simplicidade cativante, ministrou as aulas o pastor Arthur L. White, que se houve com sabedoria e clareza, revelando-se conhecedor profundo das coisas pertinentes à experiência da mensageira da igreja remanescente, como neto que é da Sra. Ellen G. White.

Suplantadas as melhores expectativas, nossa impressão do curso de "Orientação Profética" é grande demais para ser expressa. Conquanto os resultados imediatos tenham sido alcançados, e os mediatos estejam a manifestar-se através do poderoso influxo de bênçãos e inspiração que uma centena e meia de obreiros estão trazendo às suas igrejas, só mesmo a eternidade dirá, em sua plenitude, da torrente de benefícios proporcionados à família adventista.

Como ministros atuantes na Causa divina, estamos agora muito mais bem relacionados com a vida de fervoroso labor cristão e a história profundamente humana de Ellen G. White. Apreciando sua conduta e conselhos, e a fecunda obra que produziu, damo-nos conta de que a serva do Senhor estabeleceu poderoso argumento em favor do dom profético manifestado em sua pessoa, pois, longe de permanecer nas alturas do apostolado intelectual, desceu ao terreno das realizações práticas, fazendo medrar, pelo exemplo pessoal, os basilares preceitos do cristianismo.

Conhecemos, hoje, com mais abundância de detalhes, as críticas (quase tôdas fundadas no preconceito e má fé) que a oposição de dentro ou de fora tem levantado, pretendendo

do solapar nossa fé no Espírito de Profecia. Quando todos os fatos são vencidos para uma acurada e sincera investigação, a crítica e as acusações se desfazem como por encanto, enquanto nos erguemos da tarefa com uma convicção grandemente fortalecida de que a irmã White foi a mensageira do Senhor.

Muitos dos que observam o progresso que essa denominação tem experimentado em pouco mais de um século de existência, surpreendem-se com o formidável avanço da obra adventista e são incapazes de explicar porque assim ocorre. No passado, quando nossos pioneiros eram vivos, êles o supunham dirigentes de grande ambição e largueza de espírito, atribuindo-lhes uma capacidade superior, mas renunciando desintegração e colapso para a corporação adventista do sétimo dia, tão cedo desaparecessem aquelas instrumentalidades. Não se apercebiam que a honra pertence a Deus, cuja mão firme, desde o princípio, tem guiado esta obra em todo o passo importante.

Os que fizemos o curso de "Orientação Profética" temos elementos de sobra para deixar patente que o segredo do êxito que tem acompanhado êste movimento está em que o Senhor nos tem aconselhado diretamente pelo dom profético. Através da Inspiração, Êle tem conduzido os passos de Sua igreja, exortado os Seus filhos e amparado o Seu povo. O Senhor não somente enviou informações concernentes a eventos futuros. Temos sido levados através de um caminho marcado pela mensagem profética e repetidas vêzes fomos salvos, maravilhosamente, de crises que se esboçavam ameaçadoras, porque o Senhor nos fez chegar Suas instruções.

Numa só palavra poderíamos resumir nossa impressão do curso de "Orientação Profética", e esta seria: gratidão. Gratidão ao bom Deus que, com tanto desvêlo, tem cuidado de Sua igreja e promete fazê-lo até o fim. Gratidão aos nossos dirigentes que têm compreendido o alcance de tão preciosas revelações, permitindo que delas tomássemos conhecimento.

Um Professor Vibrante

Aracely S. Mello

Professor de Teologia do Educandário Nordestino Adventista

ROY ALLAN ANDERSON! O vulcânico e inflamado gigante do evangelismo mundial, um dos mais destacados dirigentes do ministério adventista mundial, para gáudio de todos os alunos, foi um dos professores do Curso de Extensão do Seminário, realizado em São Paulo.

Conduzindo a classe "Liderança Evangelística", êle ministrou dia após dia as técnicas e os métodos de evangelismo como só mesmo êle o poderia fazer. Conhecido mundialmente pelo ministério adventista e zelo por seus comandados na arte de desbravar os corações humanos com a salutar mensagem do advento, Anderson exigiu de seus alunos o máximo, impondo-lhes, com a autoridade dos que almejam um ministério inflamado pelo divino poder, o cumprimento exato de seus deveres como alunos de Universidade.

Profundo e especialista, exímio por excelência, na sua matéria, Anderson prendeu a atenção de sua classe, por vários dias, na exposição da grande doutrina do evangelho: A Justificação pela Fé. E só se deteve quando convicto de que seus alunos eram já senhores do tema. O ardor e o zelo com que anelou que assimilassem esta doutrina su-

prema, não pode ser contado em palavras escritas ou audíveis; seria mister que os que lêem estas impressões estivessem presentes para ouvi-lo e assim compreender o grande tema da redenção apresentado com as vibrações próprias de Roy Allan Anderson.

Anderson foi espetacular em apresentar tôda a sua matéria, e, por isso, e pela profundidade com que explanou e elevou o evangelismo adventista, impondo-o no coração dos mensageiros de Deus presentes, jamais será esquecido na América do Sul.

Antes de começar o curso propriamente dito, Anderson eletrizou a milhares de ouvintes no auditório do grande ginásio do Pa-caembu, falando cada noite a uma multidão de atentos expectadores extasiados. Ali revelou o fogo do seu zelo e o entusiasmo consumidor pelo evangelismo e pelas almas perdidas em pecado.

O ministério adventista sul-americano, pois, estêve de parabéns com a presença dêste inflamado soldado da cruz, que por preceito e por exemplo avivou no ministério adventista, presente no IAE, o fogo sagrado do evangelismo.

É BOM RECORDAR . . .

que os editores judaicos da Bíblia Hebraica, nos primitivos séculos do cristianismo, eram chamados *massoretas*, e o Texto — que hoje se encontra nas bíblias hebraicas, é o mesmo em tôdas, e é conhecido como o "texto massorético". Podemos conferi-lo por meio do grande comentário rabínico denominado "Talmud", que data aí de cêrca do século VI A.D., e que, por sua vez, é baseado sôbre os Targuns (nome dado aos comentários e notas explicativas respeitantes à Bíblia Hebraica). Os Targuns foram escritos em aramaico, língua falada pelos judeus a partir do cativoiro babilônio, quando deixaram o hebraico que mais tarde já não era compreendido pelos seus descendentes. Os Targuns, ou notas explicativas em aramaico, haviam sido feitos verbalmente pelos rabis nas sinagogas, antes da era cristã. Os massoretas criaram as vogais e sinais diacríticos que foram incorporados ao hebraico consonantal.

IMPRES



Grupo de professores e tradutores

● O Curso de Extensão realizado em São Paulo, constituiu verdadeiro encontro de honra para a causa de verdade. Pude verificar, durante seu transcorrer, a aprovação do Altíssimo em tôdas as coisas.

O que deu colorido e expressão ao Curso, foi a forma inteligente com que foi planejado e dirigido; a afetuosa acolhida que nos dispôs os amáveis irmãos brasileiros; a exposição técnica e cheia de sabedoria dos professores, e o espírito de cordialidade manifestada pelos representantes dos oito países que compõem a Divisão Sul-Americana. Tudo isto proporcionou ao corpo de obreiros nova inspiração, que, sem dúvida, se manifestará num impulso revolucionário em favor do progresso da obra do Senhor. — Luis Alaña, Missão Equatoriana.



Grupo Brasileiro

● Sejam minhas primeiras palavras de gratidão a Deus por me haver outorgado o privilégio de assistir o Curso de Extensão do Seminário Teológico, realizado na formosa terra do Brasil.

Posso afirmar que, para mim, este curso preencheu, em certa medida, uma grande necessidade de capacitação na difícil matéria da salvação. Permitiu-me o acesso a um maior cabedal dos inspirados escritos do Espírito de Profecia, sobre temas vitais para a vida espiritual. Permitiu-me descerrar o véu que encobria minha estreita esfera evangelística, para projetá-la, tanto em seu conteúdo como em sua forma, àqueles princípios que constituirão o manual evangelístico do Fundador do cristianismo. Permitiu-me ter visão mais ampla do verdadeiro espírito que deve reger meus atos e palavras em conduzir homens aos pés de Cristo.

Que Deus Se digne dar-me a inteligência necessária e a unção de Seu Santo Espírito, a fim de reunir as jóias esparsas de Sua divina Palavra e apresentar aos pecadores, com o poder do Céu e o amor de Cristo, a perfeita cadeia de Sua verdade eterna e milenária. — Norberto R. Mulinari, pastor da Igreja Central de Montevideo, da Missão Uruguia.

SÕES DO CURSO

● Neste oportuno "Curso de Extensão", além do privilégio de têmos mestres notáveis, verdadeiros mananciais de conhecimento, especialmente da ciência da salvação, das quais pudemos beber a largos sorvos, proporcionando-nos ânimo para galgar a montanha do saber e do discernimento, acompanha-nos, cá no vale das necessidades humanas, a experiência alcançada nas inesquecíveis horas devocionais, fazendo-nos sentir no alto do Tabor, contemplando mais de perto a Jesus glorificado, implantando o desejo de ali nos determos.

Impossível também seria deixar de recordar o privilégio do convívio com companheiros de diferentes nações, transportando-nos nas asas da imaginação à universal assistência da Escola Superior do Além.

Que seja nosso privilégio lá estar! — Enéas Simon, pastor na Associação Paulista.



Grupo geral

● Apresentamos às organizações superiores a expressão de gratidão dos obreiros da Bolívia, enviados ao Curso de Extensão da Universidade "Andrews", levado a efeito em São Paulo, Brasil. Cada um dos cinco delegados considera que teve elevado privilégio e magnífica oportunidade de obter conhecimentos e a tão necessária orientação para nosso ministério. — Leonardo Gerometta, da Missão Boliviana.

● "Erra aquele que não principia a aprender por supor que já é tarde" (Sêneca).

É impossível encarecer demais as vantagens trazidas ao ministério adventista por este Curso ministrado por professores dedicados e eficientes e que por nós procuraram fazer o máximo.

Tomando uma frase de Churchill, conhecida de todos nós e "mutatis mutandis" diremos: Nunca tantos aprenderam tanto em tão pouco tempo.

Nosso preito de gratidão aos mestres abnegados e sinceros parabéns aos líderes patrocinadores. — Pedro Apolinário, professor de Grego e Português do Instituto Adventista de Ensino.



Os "seis" grandes

EVANGELISMO - Almas para Deus



O Maior Batismo da História do Brasil

Roberto R. Azevedo

Diretor dos Depts. Relações Públicas, Rádio e Temperança
da União Sul-Brasileira

“CADA nova invenção tem sua origem em Deus para apressar o Dia do Senhor.” — *Fundamentals of Christian Education*, pág. 409.

Tem sido a preocupação do Departamento do Rádio nos campos da União Sul-Brasileira, fazer com que a mensagem levada ao povo através do Rádio, seja mais extensiva e com resultados mais positivos, razão porque vem dando especial atenção em reunir as forças da igreja para maior aproveitamento na colheita de almas.

Unindo as Forças para Evangelizar

Em 1960 foi planejada forte campanha a favor do programa “A Voz da Profecia” em diversas cidades do território da USB e principalmente nas Capitais: Pôrto Alegre, Curitiba e São Paulo. Milhares de convites, anúncios e cartazes, foram levados ao público através de jornais, rádios, veículos, aviões e pelos corajosos obreiros e membros das igrejas, nas ruas, fábricas, nos aglomerados do povo e em especial nos lares, alertando a todos a ouvirem a Grande Mensagem pelo rádio.

Os resultados são os mais animadores, pois não só aumentou o número de ouvintes e matriculados na Escola Radiopostal, como também várias famílias têm ingressado na Igreja. Os irmãos continuam visitando os lares e inscrevendo os interessados, para o estudo da Bíblia.

Casa Verde Amadurece!

Em São Paulo foram distribuídos, pelas sessenta igrejas e grupos da Capital e arredores, 500.000 convites alertando o povo a ouvir a “Voz da Profecia”. Logo depois a mesa administrativa planejou uma série de

conferências no populoso bairro de Casa Verde que deveria ser dirigida pelo pastor Alcides Campolongo, diretor departamental do Rádio.

Planos foram elaborados. Três sábados antes de iniciar a série, um grupo de irmãos de diversas igrejas se reuniu na sala do pequeno grupo de Casa Verde e juntando suas forças com eles e os obreiros, levaram aos lares vizinhos do bairro, 30.000 convites que indicavam o programa e horário da “Voz da Profecia”. O mesmo convite foi repetido nos lares por duas vezes e no terceiro sábado os irmãos levaram juntamente o convite para a primeira conferência que teve início no dia 28 de agosto de 1960, com o salão superlotado desde a primeira conferência.

Grande era o interesse. As crianças foram separadas para uma sala anexa, sob a direção da irmã Neide Campolongo, esposa do evangelista, tendo como auxiliares as irmãs: Dorinha Felix, Leonor Trivelato, Nair F. Negrão, esposas dos obreiros bíblicos. Oitenta e mais crianças eram assim evangelizadas, enquanto o salão de adultos, sempre superlotado, era atendido pelo pastor Campolongo e seus obreiros: Oswaldo Felix, Abel Trivelato, Benedito Fontoura, Wilma Valente e Ester Prado.

Já na oitava conferência foi introduzida a parte inicial e final do programa a “Voz da Profecia”, tornando-o mais e mais relacionado com as conferências. Na décima palestra, planejou-se que o orador da “Voz da Profecia”, falasse ao povo. Só então, é que foi plenamente identificada a “Voz da Profecia” com as conferências públicas, pois o convite agora, trazia o nome do orador da “Voz da Profecia” e que o mesmo falaria ao povo, no salão de conferências.

Quando o pastor Roberto Rabello perguntou quantos eram ouvintes da "Voz" quase a totalidade ergueu a mão. Pelo menos 80% a 90% eram ouvintes.

As conferências continuaram animadas!

Mais Estabilidade e Frutos

Perguntando aos obreiros bíblicos que tinham em mãos 400 endereços, qual a atitude dos interessados destas conferências em comparação com interessados em outras séries não identificadas ou entrosadas com a "Voz da Profecia", tivemos a seguinte resposta: "Neste plano, desde o início se relacionou o interessado com a 'Voz da Profecia' e a conferência."

"Em outras séries, o povo ficava em atitude de expectativa (sem saber de que procedência eram as conferências), até que era apresentado o assunto em relação com o Movimento Adventista. Isto trazia um sentimento de ansiedade e preocupação desfavoráveis a uma decisão mais segura do interessado."

Disseram os obreiros, que podiam trabalhar num ambiente de confiança. Isto favoreceu a estabilidade da assistência às conferências e em decisões pela verdade.

Os obreiros bíblicos chegaram a trabalhar das 8:00 às 23:00 horas. Tal era o interesse de recepção nos lares.

O evangelista por sua vez levou a sobrecarga dos seus Departamentos de Rádio, Relações Públicas e Temperança, enquanto realizou a série de conferências três noites por semana.

Aproveitando a Obra Médica

Depois de apresentar os temas sobre temperança o evangelista convidou o médico Dr. Ajax Silveira, ancião da igreja, para dar consultas e conselhos sobre o problema do tabagismo e alcoolismo, o que fez aos domingos, das 15:00 às 19:00 horas, quando foram atendidas pessoas inclusive com medicamentos grátis, previamente conseguidos pelos obreiros com os laboratórios.

Também a esposa do evangelista, deu uma série de aulas sobre arte culinária e alimentação adequada, para as senhoras e moças, cinco semanas antes do batismo.

135 no Primeiro Batismo da Série

Este foi o maior batismo de uma série registrado no Brasil! Mais 40 pessoas aguardam o próximo batismo.



A valorosa equipe evangelística

Depois de oito meses de conferências, foi realizado no dia 8 de abril de 1961 o primeiro batismo, quando 135 almas foram levadas por um grupo de seis pastores às águas batismais no batistério da Igreja Central de São Paulo.

Três ônibus especiais foram lotados, além de outros transportes, para conduzir os candidatos e interessados do bairro de Casa Verde, ao local do batismo.

O templo Central esteve superlotado com mais de 1.200 pessoas que testemunharam ao som do órgão, quartetos e coros a comvente cena da grande festa batismal que contou com a presença do pastor geral da União Sul-Brasileira, Moysés S. Nigri, que dirigiu o sermão do batismo; o pastor geral da Associação Paulista, Oswaldo R. Azevedo; o pastor Siegfried Kumpel, diretor da Faculdade de Teologia do Instituto Adventista de Ensino, que dirigiu palavras de ânimo aos batizando, concitando-os a serem



Flagrante da cena batismal

fiéis na luta por Cristo e Sua Verdade; o pastor João Linhares, professor do Instituto Adventista de Ensino, e grande número de pastores dos diversos distritos da Capital.

Fatos Curiosos

1. Os mais idosos do grupo: A irmã Ana Gomes Teixeira, com 84 anos de idade, e o irmão Roque Batista com 81 anos.

2. Os mais novos: O irmão Eldever Carnovali, com 10½ anos e a irmã Ana Maria Santana com 11 anos, juntamente com seus pais.

3. Foram batizados 85 do sexo feminino, 50 do sexo masculino, fazendo parte do grupo geral, 40 jovens.

4. De diversas religiões: Católicos, 61; Pentecostais, 35; Presbiterianos, 11; Metodistas, 3; Batistas, 3; Espíritas, 5; Luteranos, 2; Testemunhas de Jeová, 2; sem religião, 4; filhos de adventistas, 9.

Alcoólatras se Convertem

João Caetano foi batizado com sua esposa e três filhos. Foi um dos maiores alcoólatras e ébrios de Casa Verde. Quando bebia, quase sempre a família tinha que ir buscá-lo nos botequins, pois do contrário ele passava as noites fora de casa e ao relento. Em casa, quando alcoolizado, não reconhecia os familiares e os tratava ásperamente. Mas, após a sua conversão, tornou-se um esposo exemplar, atestado por sua esposa D. Tereza Caetano, e seus filhos.

Jordão G. de Oliveira. Este homem foi terrível em suas ações e alcoólatra também.

Brigava diariamente com a esposa, havendo se separado dela várias vezes. Certa feita, depois de uma acalorada discussão, ele alvejou-a com 5 tiros e esteve longo tempo separado dela. Mais tarde voltou a viver com a esposa e começaram a assistir às conferências de Casa Verde. Ele e sua esposa foram batizados e vivem uma nova vida com Cristo Jesus.

A primeira Escola Sabatina teve 300 presentes entre crianças e adultos. Contava o grupo de Casa Verde com apenas 30 membros, inclusive crianças. Hoje, 270 fazem parte da Escola Sabatina ali.

Grandes Possibilidades para o Futuro

Esperamos que os pastores e evangelistas levem em conta as grandes possibilidades e vantagens que o programa "A Voz da Profecia" lhes proporciona em seu plano de evangelização. Logo, outras séries serão realizadas, de diferentes maneiras, e assim poderemos ver nos diversos sistemas, como se poderá aproveitar melhor o trabalho do Rádio no plano geral do evangelismo.

Duas igrejas, em bairros de São Paulo, estão cuidando de 130 pessoas levando aos lares, cada semana, nova lição da Escola Radiopostal. Esperamos que estes alunos sejam logo reunidos, no interesse de que lhes sejam ministradas as últimas lições do curso, dando-lhes então os certificados numa grande festa de formatura e em seguida convidá-los a seguirem com o curso avançado por meio de uma bem planejada aula bíblica. Creemos que este método trará, sem dúvida alguma, resultados impressionantes em decisões pela verdade.



Famílias de alcoólatras convertidos

Planeja-se, também, o preparo prévio de algumas cidades, alertando o povo a ouvir o programa da "Voz" e depois de um ou dois meses, visitar novamente os lares, matriculando os interessados na Escola Radiopostal. Depois destes contatos com alunos pelos membros missionários da igreja, iniciar então uma série de conferências públicas, convidando o público em geral, como fazem os evangelistas, e particularmente, aos matriculados por aqueles que os têm auxiliado no preparo das lições.

Um plano menor é o de convidar o público (depois de preparo prévio), para ouvir um dos representantes da "Voz da Profecia", em uma série de assuntos especiais, por uma semana ou quinze dias, com os te-

mas principais, levar então os interessados para a igreja (ou continuar no salão), deixando-os aos cuidados do pastor distrital.

Apêlo

"Os ministros designados por Deus hão de achar necessário envidar esforços extraordinários para atrair a atenção das multidões." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 122.

"Devemos fazer algo fora do curso comum das coisas. Temos que prender a atenção." — *Idem*, pág. 123.

"A Obra de Deus na Terra nunca poderá ser finalizada enquanto os homens e mulheres que compõem nossa igreja não se unam à obra, e ajuntem seus esforços aos dos ministros e oficiais da igreja." — *Idem*, pág. 365.



Batizando e instrutores

É BOM RECORDAR . . .

que para o estudo das Escrituras Sagradas, não basta a mera inteligência humana que é, muitas vezes, até um impedimento, pois o essencial é um espírito de humildade perante o Senhor e um desejo sincero de investigar a verdade. Há uma frase atribuída a Gregório I, assim expressa: "A Bíblia é uma corrente onde o elefante pode nadar e o cordeiro andar."

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Base e Fruição da Experiência Cristã

(Original inglês de págs. 105 a 110)

Pergunta 11

Pode alguém que mantenha as opiniões dos adventistas do sétimo dia ter a certeza absoluta da salvação presente, dos pecados perdoados, e de ser plenamente aceito pelo Senhor? Ou terá êle que viver na incerteza, dependendo da decisão que possa ser tomada no juízo investigativo? E esta incerteza não se reflete nos escritos de Ellen G. White?

Quem verdadeiramente compreenda e aceite os ensinamentos da Igreja Adventista do Sétimo Dia pode, com clareza, saber que nasceu de novo, sendo plenamente aceito pelo Senhor. Tem absoluta certeza da salvação presente, e não necessita estar em nenhuma incerteza. De fato, compreende isto tão plenamente que pode sinceramente “regozijar-se no Senhor” (Fil. 4:4) e “no Deus de sua salvação” (Sal. 24:5). Como as perguntas acima atingem todo o plano da salvação divina para o homem, chamaríamos a atenção para os seguintes pontos.

1. Plano de Deus e Providência de Redenção

1. A INICIATIVA DO PLANO DE SALVAÇÃO É DE DEUS, NÃO DO HOMEM. — “Tudo”, lemos, “provém de Deus” (II Cor. 5:18). Sabemos que *Ele* “nos reconciliou” (verso 18); que “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (verso 19); que *não fomos nós* quem primeiro amou a Deus, mas *Ele* nos amou primeiro (I S. João 4:9 e 10); que *Cristo* é a “propiciação pelos nossos pecados” (I S. João 2:2); e que “fomos reconciliados por Deus pela morte de Seu Filho” (Rom. 5:10). Tudo isto nos vem “de acordo com o dom da graça de Deus” (Efés. 3:7). E conquanto se tenha mencionado es-

critos de Ellen G. White, podemos citar uma porção de declarações suas, claríssimas e coerentes sobre os princípios fundamentais da salvação pessoal e da experiência cristã. Esta, por exemplo:

A graça é um atributo de Deus, exercido para com as indignas criaturas humanas. Não a buscamos, porém ela foi enviada a procurar-nos. Deus Se regozija de conceder-nos Sua graça, não porque somos dignos, mas porque somos tão completamente indignos. Nosso único direito a Sua misericórdia, é a nossa grande necessidade. — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 161.

2. CRISTO É O ÚNICO SALVADOR DA HUMANIDADE PERDIDA. — Não há, nem pode haver, outro Salvador. Esta idéia foi há muito tempo trazida à atenção do antigo povo de Deus. Disse Jeová: “Eu, Eu sou o Senhor, e fora de Mim não há Salvador” (Isa. 43:11); “Não há outro Deus senão Eu; Deus justo e Salvador não há fora de Mim. . . Olhai para Mim, e sereis salvos (Isa. 45:21 e 22).” (Ver também Isa. 60:16; Osé. 13:4.)

Jesus Cristo nosso Senhor é o único fundamento (I Cor. 3:11); Seu nome é o único nome “pelo qual devamos ser salvos” (Atos 4:12). Este conceito — de que não há salvação em nenhum outro — foi pôsto em foco na declaração feita a José concernente à obra de Deus: “Ele salvará Seu povo de

seus pecados" (S. Mat. 1:21). A tradução literal do texto grego é: "Ele *próprio* salvará Seu povo." "Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal" (Heb. 7:25). Este conhecimento é básico. Únicamente através de Cristo podemos ser salvos.

3. O HOMEM NÃO PODE SALVAR-SE; POR SI OU DE SI MESMO ESTÁ DESESPERANÇADAMENTE PERDIDO. — (a) Não há nenhuma salvação no homem para o homem. Homem algum pode "redimir seu irmão" (Sal. 49:7). (b) Sem a salvação providenciada em Cristo Jesus nosso Senhor, estariam os homens irremediavelmente perdidos. "Não há nenhum justo, não há nem sequer um" (Rom. 3:10); "Não há quem faça o bem, não há nenhum só" (verso 12); "Todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (verso 23). Não há, pois, esperança alguma fora de Jesus o Salvador. Isaías descreve vividamente a condição natural do homem: "Tôda a cabeça está enfêrma e todo o coração fraco. Desde a planta do pé até à cabeça não há nêle coisa sã, senão feridas, e inchaços, e chagas podres" (Isa. 1:5 e 6).

Jeremias acrescenta: "Enganoso é o coração, mais do que tôdas as coisas, e perverso." (Jer. 17:9). Declara o apóstolo Paulo que o homem "sem Deus" não tem esperança (Efés. 2:12). Está de fato "morto em ofensas e pecados" (verso 1). Conseqüentemente, se o homem precisa ser salvo, deve buscar o auxílio divino, sòmente.

4. ESTANDO O HOMEM MORTO NO PECADO, MESMO O IMPULSO INICIAL PARA UMA VIDA MELHOR TEM QUE VIR DE DEUS. — Cristo é a verdadeira luz "que alumia a todo o homem que vem ao mundo" (S. João 1:9). Esta luz, em certos aspectos conhecida sòmente pela Divina Providência, penetra as trevas do coração humano e acende a primeira fagulha do desejo de buscar a Deus. Se a alma começa a buscá-Lo, então "o Pai que Me enviou [Cristo]" atrairá o pecador. (S. João 6:44). Mais ainda: "E Eu, quando fôr levantado da terra, todos atrairei a Mim" (S. João 12:32). Desta forma, mesmo o desejo de arrependimento provém de cima, pois Jesus nosso Salvador dá "arrependimento" e concede "perdão dos pecados" (Atos 5:31).

A completa mudança desta forma operada no coração humano não se dá por ato de

nossa própria vontade, certamente não por exaltação ética ou esforço de reforma social, mas exclusivamente pelo novo nascimento. Devemos "nascer de novo" ["Nascer de cima", rodapé] (S. João 3:3); "nascido de Deus" (I S. João 3:9); nascido do Espírito Santo (S. João 3:5 e 6); gerados pela Palavra de Deus (I S. Ped. 1:23). Verdadeiramente esta é uma obra da graça divina. No sentido mais exato somos "feitura Sua" Efés. 2:10). No ato de "regeneração" *Deus nos salva; é Ele quem derrama sôbre nós o Espírito Santo* (Tito 3:5 e 6).

5. NADA DO QUE FAÇAMOS MERECEERÁ O FAVOR DE DEUS. — A salvação é de graça. É a graça que "traz a salvação" (Tito 2:11). "Seremos salvos pela graça do Senhor Jesus Cristo" (Atos 15:11). Não somos salvos pelas "obras" (Rom. 4:6; Efés. 2:9; II Tim. 1:9), embora as "houvêssemos feito" (Tito 3:5), ou mesmo "maravilhas" (S. Mat. 7:22). Tampouco somos salvos pela "lei" (Rom. 3:20, 28; Gál. 3:2, 5 e 10). E nem a "lei de Moisés", nem o Decálogo nos podem salvar (Atos 13:39; Rom. 7:7-10). A lei de Deus jamais se destinou a salvar os homens. É um espelho em que nos miramos para ver nossa pecaminosidade. Isto é, até que a lei de Deus possa harmonizar-se com o pecador. Pode revelar-lhe o pecado, mas é destituída de poder para removê-lo, ou salvar o pecador de sua culpa, penalidade e poder.

Graças a Deus, porém, que "o que era impossível à lei, visto como estava enfêrma pela carne" (Rom. 8:3), Deus o fêz — *na pessoa de Seu Filho*. Nêle se abre uma fonte "contra o pecado e contra a impureza" (Zac. 13:1). Nesta fonte todos se podem banhar e serem "lavados" de seus pecados pelo próprio sangue de Cristo (Apoc. 1:5). Por mais maravilhoso que possa ser, os remidos podem agora rejubilar-se pois "lavaram suas vestiduras e as embranqueceram no sangue do Cordeiro" (Apoc. 7:14). De fato é pela *Sua* graça (Efés. 2:5 e 8), *Sua* misericórdia (Tito 3:5), *Seu* dom (Efés. 2:8), *Seu* evangelho (Rom. 1:16), e de acôrdo com *Seu* propósito (Rom. 8:28), que somos salvos.

6. CONQUANTO A SALVAÇÃO VENHA DE DEUS, REQUER-SE UMA SUBMISSÃO DA VONTADE. — Depois das primeiras sugestões do Espírito de Deus, e da magnética atrativi-

dade do amor de Deus, a alma tem que aceitar o grande Libertador, e render-se a Ele. Este ato de submissão, operado pela graça divina, possibilita a Deus estender à alma tôdas as maravilhosas provisões de sua munificência. Este ato ou atitude da alma é expresso de vários modos na Santa Escritura.

Devemos *crer* — “todo aquêle que nEle crê” (S. João 3:16); devemos *render-nos* — “apresentai-vos a Deus” (Rom. 6:13) — devemos *submeter-nos* — “sujeitai-vos, pois a Deus” (S. Tiago 4:7); *mortificar-nos* — “*mortificai* as obras do corpo” (Rom. 8:13) — literalmente isto significa “matar”, “exterminar”; *apresentar* nosso corpo a Deus — “... apresenteis vossos corpos em sacrifício vivo” (Rom. 12:1); *considerar-nos* mortos para o pecado — “considerai-vos como mortos para o pecado” (Rom. 6:11); e *morrer* por causa do pecado — “se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado” (Rom. 8:10).

Tudo quanto é representado por êstes atos da vontade não está certamente na natureza das “obras”, e nada acrescenta, nem em mí-

nimo grau, à eficácia da salvação. Não! Ao contrário, denota a atitude da alma, correspondendo às propostas da livre graça de Deus, possibilitando a aplicação em nossos corações da ilimitada concessão da graça divina.

7. A VIDA E EXPERIÊNCIA CRISTÃS SÃO UM CRESCIMENTO EM GRAÇA. — A vida cristã é mais do que um ato inicial de fé, ou aquêle ato de entrega ao aceitar a Jesus Cristo como Senhor. Por êsse ato passamos “da morte para a vida” (S. João 5:24) e “nascemos de novo” (S. João 3:3); mas a partir de então precisamos crescer. O mesmo ocorre na vida fisiológica. Uma coisa é o nascimento: é o começo da vida. Ninguém, no entanto, apreciará uma criança que não tenha crescido. Semelhantemente é propósito de Deus que devamos crescer “em graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (II S. Ped. 3:18). Como meninos espirituais devemos nutrir-nos do “leite racional não falsificado” da Palavra (I S. Ped. 2:2), mas tem que haver crescimento de modo a podermos alimentarnos de “sólido mantimento” (Heb. 5:12 e 14).

APÓCRIFOS DO NOVO TESTAMENTO

Nos primeiros anos da história da Igreja, eram conhecidos diversos escritos que pretendiam completar as narrativas de nosso Novo Testamento, livros êstes que, por conveniência, podemos apelidar de “apócrifos do Novo Testamento”. Tais escritos, que sempre foram cuidadosamente excluídos do Cânon, podem constituir quatro grupos: primeiro, Evangelhos (entre êles o de S. Pedro, o de S. Tomé e outros); segundo, Atos (contendo narrativas espúrias); terceiro Apocalipses (houve vários); quarto, Epístolas (houve um chorrilho delas). Pelo próprio conteúdo fantasioso e contraditório nenhum dos livros merece fé.

Considerações Gerais Sobre Romanos 14

ARNALDO B. CRISTIANINI

NOSSOS oponentes evangélicos julgam encontrar poderosa escora em Romanos 14 para fazerem carga contra as leis higiênicas da Bíblia e a observância sabática.

Em exegese, como em tudo o mais, deve-se aplicar a chamada *motivação* a fim de colhermos o sentido exato que o autor quis transmitir pelas palavras. Duas preliminares se devem estabelecer: o que *motivou* Paulo a escrever a epístola, e o *motivou* a escrever certas expressões constantes do capítulo 14.

Diz W. W. Rand, no seu autorizado "Dicionário De La Santa Biblia" (edição de 1890, pág. 560): "Segundo se depreende da própria epístola, o motivo que teve Paulo para escrevê-la foram as *desinteligências* que surgiam entre os *convertidos judeus* e os *convertidos gentios*, não somente em Roma, mas em tôdas as partes. O judeu, quanto aos seus privilégios, sentia-se superior ao gentio, o qual, por sua vez, não reconhecía tal superioridade, e se sentia desgostoso quando tal se lhe afirmava."

A boa exegese não prescinde de enquadrar os fatos narrados, em sua moldura histórica. Expandindo-se o cristianismo na Ásia Menor e sul da Europa — em grande parte devido ao estafante trabalho missionário de Paulo — o Evangelho era abraçado por gentios e judeus, pois êstes se achavam espalhados por tôda a parte. Assim em várias localidades se formavam igrejas, como em Roma, Corinto, Galácia, Colossos, Éfeso — grandes centros do paganismo. Os judeus, embora aceitassem a verdade evangélica, conservavam restos de sua tradição, não deixando de pronto muitas práticas da lei cerimonial, tão aferrados estavam a elas. Diz o nosso "The SDA Bible Commentary": "De fato, os primeiros cristãos não foram solicitados a deixarem repentinamente de comparecer às festas judaicas anuais ou repudia-

rem, de imediato, todos os ritos cerimoniais... O próprio Paulo, após sua conversão, esteve em muitas festas, e conquanto ensinasse que a circuncisão nada era, circuncidou a Timóteo, e concordou em fazer um voto de acordo com estipulações de antigo código." Assim os judeus, embora ligados à nascente igreja cristã, queriam continuar observando as festividades judaicas, como a páscoa, Lua nova, jubileu, e outros sábados festivos, "que eram sombras das coisas futuras". Tudo desnecessário, pois êste cerimonialismo fôra cravado na cruz. O pior, porém, é que êsses *judaizantes* queriam impor aos gentios estas observâncias. E os gentios, por seu turno, escandalizavam-se com tais costumes, e irritavam-se quando os judeus os constrangiam. De tudo isto resultavam contendas e disputas que comprometiam a causa do Evangelho. Simultaneamente surgira o problema alimentar. Dois fatos contribuíram para isso. Nas cidades, os pagãos sacrificavam rézes aos seus ídolos. Note-se que era carne *bovina*. Imolavam bois e vitelos a Júpiter, Mercúrio, Diana, Minerva, Ceres e outros deuses mitológicos, em meio a ritos licenciosos. Dêles se originaram as bacanais, saturnais, luperciais, etc. Após a imolação, a carne era vendida, a baixo preço, aos açougueiros que a colocavam junto das demais carnes que vendiam. Diz o nosso "The SDA Bible Commentary": "A carta aos coríntios fôra escrita menos de um ano antes da carta aos romanos. Deve-se concluir de I Cor. 8 e Rom. 14 que Paulo trata essencialmente do mesmo problema... De acordo com antiga prática, os sacerdotes do paganismo empenhavam-se à larga na mercância dos sacrifícios animais oferecidos aos ídolos." Uma espécie de simonia pagã. Achavam os judaizantes que não se devia, em nenhuma hipótese, comprar carne nos açougues, porque não se podia ter certeza

se a mesma fôra ou não sacrificada aos ídolos. O outro fato que criava forte preconceito contra os gentios conversos prendia-se aos judeus essênios que aceitavam a mensagem cristã. Diz M. C. Wilcox, em seu "Studies in Romans": "Alguns membros da igreja em Roma haviam sido membros dos Essênios — seita judaica muito estrita, ascética, cujos membros eram em geral vegetarianos, cumpridores estritos da lei mosaica, observando com exatidão tanto as festividades anuais e sábados quanto o dia semanal de repouso. Sua fé não alcançara ainda a plenitude do sacrifício e da obra completa de Cristo." Também o erudito comentador Arthur S. Peake, em seu "A Commentary on the Bible", declara: "Alguns círculos ascéticos na igreja de Roma, trazidos talvez pelos judeus de dogmas essênios (v. Lightfoot), praticavam o vegetarianismo; outros consideravam *muitos dias* como sagrados. Sobre tais assuntos, os cristãos não deviam julgar nem contender entre si".

À luz desta moldura histórica, podemos, sem dificuldade, compreender certas expressões paulinas. Nada há, neste capítulo, de derogatório sobre leis higiênicas, e muito menos do sábado do quarto mandamento. J. P. Lange, em seu famoso comentário, cita Tholuck: "Tanto em relação aos preceitos sobre alimentos, quanto aos referentes aos dias santos judaicos (Col. 2:16), e de modo especial ao sábado, os judeus cristãos não puderam livrar-se, e encontramos a observância do sábado mesmo no quinto século da igreja. Ver *Const. Apost.* 25."

O primeiro versículo refere ao "débil na fé." O nosso comentário esclarece: "Isto é, aquêle que tinha limitada compreensão dos princípios da justiça, ansioso por salvar-se e disposto a fazer tudo quanto cria que dêle se exigia. Contudo na imaturidade de sua experiência cristã (ver Heb. 5:11 a 6:2) e provavelmente em decorrência de sua crença e educação anteriores, êle procurava assegurar a salvação pela observância de certos preceitos e regulamentos que na realidade não se exigiam dêle. Para êle tais preceitos assumiam a maior importância. Julgava-os absolutamente necessários à salvação, e ficava escandalizado e confuso ao ver outros cristãos ao seu redor, sem dúvida mais amadurecidos e experientes, que não partilhavam dêstes escrúpulos."

Infelizmente inda hoje há membros de

nossa igreja, sem dúvida bem intencionados, que caem em extremos, superestimando e exaltando certos aspectos da mensagem em detrimento de outros de maior importância. Não estarão acaso invertendo a pirâmide (ápice para o solo e base para o alto)? Não haverá o risco de pretenderem a salvação pelos princípios?

O verso 5 declara: "Um faz diferença entre dia e dia, mas outro julga *iguais* todos os dias." A palavra "iguais", em grifo na versão comum de Almeida, não se acha no original grego e foi acrescentada pelo tradutor para complementar o sentido. Comentando êste verso, escreve o autorizado Adão Clarke (metodista): "... a palavra *hemera*, 'dia' no grego, deve aqui ser tomada no sentido de tempo, festival, pois em tal sentido é freqüentemente empregada. A referência aí feita (Rom. 14:5) prende-se a instituições judaicas, e especialmente seus festivais, tais como a páscoa, pentecostes, festa dos tabernáculos, Lua nova, jubileu, etc. ... Os gentios convertidos consideravam ... que todos êstes festivais não obrigavam mais o cristão. Nós (os tradutores) acrescentamos aqui a palavra *iguais*, e fazemos o texto dizer o que, estou certo, jamais foi pretendido, isto é, que não há distinção de dias, nem mesmo do sábado."

Jamieson, Fausset e Brown afirmam em seu comentário: "... será difícil mostrar que o apóstolo tenha rebaixado o sábado de maneira a ser classificado por seus leitores entre as transitórias festas judaicas, e somente os 'debeis na fé' podiam supor estarem ainda em vigor — enfermos que deveriam ser tratados com amor pelos que tinham mais luz."

O sábado jamais foi tema de controvérsia entre os cristãos primitivos, e Paulo não tratou dêle.

Muitos leitores superficiais dos escritos paulinos se embaraçam com o verso 14: "Eu sei, e estou certo no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesmo imunda a não ser para aquêle que a tem por imunda, para êsse é imunda." E, pelo sentido aparente do texto, concluem que não mais vigora a proibição do consumo de carnes imundas, notadamente a do porco. Note-se, de início, que a expressão "nenhuma coisa" (*oyden* no grego), é um idiomatismo — maneira peculiar de expressar que longe está de ter a amplitude de sentido que aparenta ter. Deve-se entender necessariamente que "dos alimentos

comumente usados pelos cristãos naquele tempo nada era por si mesmo imundo ou impróprio para o consumo". Idiomatismos correlatos: o "nada" de S. Mar. 7:15, o "tudo" de Rom. 14:20, o "tôdas as coisas" de I Cor. 10:23, e o "em todo o mundo" de Rom. 1:8. Estas singulares expressões têm sentido restrito ao assunto a que se referem. Se, por exemplo, a frase "tôdas as coisas me são lícitas" significasse realmente *tôdas* as coisas, então Paulo estaria pregando a luxúria, a moda, o baile, o carnaval e qualquer outra prática mundana. A expressão "em todo o mundo é anunciada a vossa fé" se restringia a algumas dezenas de localidades da Ásia menor e sul da Europa, onde, nos primórdios do cristianismo, era conhecida a fé dos romanos.

Em relação às carnes sacrificadas aos ídolos, se alguém as *judgasse* imundas, não deveria comê-las. Contudo não devia julgar os que a comessem.

Nessa contextuação, não há dificuldade alguma em entender-se o que Paulo quis realmente dizer.

Os Livros Apócrifos

Costumamos dizer que os livros apócrifos não têm o selo da inspiração, registam muitas incongruências, foram rejeitados pelos concílios anteriores ao de Trento, e êste mesmo os aceitou em razão da campanha anti-Reforma. Realmente êstes fatos incontestáveis militam contra a canonicidade dos apócrifos, que foram escritos talvez por judeus piedosos, *durante os quatrocentos anos em que silenciara a voz dos profetas*. Desconhecem-se, em grande parte, seus verdadeiros autores, e foram adicionados à Septuaginta, ou seja a versão grega do Velho Testamento, feita em Alexandria durante êsse período. *Não se encontravam, portanto, no Cânon Hebraico do Velho Testamento*, e nunca, em tempo algum foram, pelos judeus, considerados inspirados como os 39 livros do VT. Até que, em 1546, em plena efervescência da contra-Reforma, a Igreja Católica convocou o concílio tridentino que, por conveniência, os incorporou ao cânon tradicional. São, portanto, um acréscimo, uma excrescência.

Apesar do valor histórico que alguns dêles possam possuir, e de certo valor moral e religioso, jamais poderão nivelar-se aos escritos canônicos. Os judeus sentiam que a inspiração profética se havia encerrado nos dias de Malaquias. É o que se depreende do célebre historiador Josefo (fim do primeiro século da era cristã), em seu famoso discurso contra Apion, no capítulo primeiro, oitavo parágrafo: "*Desde Artaxerxes até os nossos dias, escreveram-se vários livros; mas não os consideramos dignos de confiança idêntica aos livros que os precederam, porque se interrompeu a sucessão dos profetas. Esta é a prova do respeito que temos pelas nossas Escrituras. Ainda que um grande intervalo nos separe do tempo em que elas foram encerradas, ninguém se atreveu a juntar-lhes ou tirar-lhes uma única sílaba; desde o dia de seu nascimento, todos os judeus são compelidos, como por instinto, a considerar as Escrituras como o próprio ensinamento de Deus, e a ser-lhes fiéis, e, se tal fôr necessário, dar alegremente a sua vida por elas.*" O próprio Jerônimo, a quem se deve a versão Vulgata (latina, oficial da Igreja Romana) faz distinção entre os escritos canônicos, como obras de autoridade, e os não-canônicos, que êle considera úteis para estudo privado ou mera leitura piedosa, mas que não deveriam ser utilizados para estabelecer qualquer doutrina.

Acrescente-se o fato de nenhum dêses livros apócrifos terem sido jamais citados por Cristo, nem reconhecido como inspirado pela igreja primitiva. E agora um ponto histórico que nos esclarece a razão de certo apego a êses livros, antes do concílio de Trento. Quando a Bíblia foi, pela primeira vez, traduzida para o Latim, no segundo século da era cristã, o seu Velho Testamento foi traduzido, notemos bem, não do Cânon Hebraico — onde *não se encontravam* os apócrifos — mas da versão grega, Septuaginta, à qual tais livros *haviã sido adicionados* pelos judeus da Dispersão do Egito, país êste onde, na sua maior parte, os apócrifos foram escritos. E mesmo a maior parte dos primeiros Pais da Igreja não os considerava inspirados. Posteriormente é que a tradição se foi apegando a êles. É bom têmos êstes fatos em mente.

NOTÍCIAS - Da Imprensa



Templo Improvisado

TODOS os domingos, Rolando Foo, que possui uma tinturaria no centro do povoadíssimo bairro chinês de Singapura, transforma sua loja numa igreja de modo que as crianças de famílias pobres podem aprender a amar a Deus. Uma estampa de Jesus é posta na parede; bancos, tamboretas, cadeiras e caixotes vazios são levados ali. Cerca de quarenta chineses, crianças na sua maioria, reúnem-se na "igreja" uma vez por semana para cantarem hinos e ouvirem sermões proferidos por dois jovens pregadores. As crianças, de 6 a 15 anos de idade, são divididas em grupos. Os hinos são cantados em inglês, mandarim [dialeto chinês] e cantonês. O Sr. Foo, proprietário da loja, declarou: "Sinto-me imensamente feliz em deixá-los servirem-se de minha loja, pois desejo que estas crianças sejam ensinadas a amarem a Deus."

Clube Cristão de Adolescentes

O primeiro clube noturno *exclusivamente* para adolescentes, explorado por igreja cristã na Austrália, foi aberto em Sidnei pela Igreja Metodista de Australásia. Não é permitida nenhuma bebida alcoólica. Tão popular é o clube que, na maioria das noites, a legenda "Casa Repleta" é posta na porta enquanto cerca de 500 moços ficam "chuchando o dedo" do lado de fora. Permite-se aos moços e moças vestirem-se como quiserem — e se apresentam com a mais excêntrica indumentária. Alguns dançam; outros ficam à mesa apenas observando. Um bar de lanches vende bolinhos de carne, sanduíches e refrigerantes. No pavimento principal há, em lusco-fusco, uma leiteria e uma sala de estar com serviço de café, sala de televisão, sala de bilhares e de tênis de mesa. Alguns dos mais populares músicos e cantores ado-

lescentes da Austrália têm sido contratados para atuarem no clube proporcionando recreação.

Jornalista Condenado

O redator de um jornal semanal italiano recebeu sentença de suspensão por cinco meses por um tribunal romano por ter afirmado em artigo que o Vaticano tem interferido na política interna da Itália. Arrigo Benedetti, redator do semanário *Espresso*, foi condenado pelo artigo 297 do Código Penal Italiano que comina pena de até três anos a "quem quer que, em território italiano, ofenda a honra e o prestígio do chefe de um Estado estrangeiro." O sr. Benedetti fez as afirmações em 22 de maio de 1960, comendando as declarações amplamente debatidas no diário *Observatore Romano* do Vaticano, de quatro dias antes, que sustentava o direito de a Igreja orientar fielmente os que estão no campo política.

Ciência a Serviço da Religião

Computadores eletrônicos de alta precisão estão ajudando os eruditos a decifram os mistérios dos pergaminhos do Mar Morto, na 75a. convenção anual da Associação de Língua Moderna destacada em Filadélfia. Os computadores apanham o perfeito ajuste às palavras parcial ou totalmente apagadas nos rolos por meio de análise da frequência das palavras, sentenças e contexto — relatou o sr. J. B. Bessinger, professor assistente de Inglês na Universidade de Toronto, Canadá. Realçando a importância deste "cérebro mecânico," revelou que uns poucos especialistas completaram no período de um ano a formação do índice dos escritos completos de São Tomás de Aquino — 13 milhões de palavras — tarefa que tomaria perto de 40 anos a 50 eruditos.